

RN 20
FLU - jan. 80
C M 2.7.55
Pasquin, nº 255

O Poeta Dos Anjos Negros

1232

Rubem Braga

Há dez anos atrás um poeta venezuelano morria atropelado na Cidade do México. Eloy Blanco nasceu em 1897 em Cumaná, Venezuela, foi poeta romântico, e em Caracas juntou-se aos estudantes que combatiam a infundável ditadura de Gomez. Fêz sucesso como poeta, andou preso, e, quando Gomez morreu, foi um dos fundadores do Partido Ação Democrática, com Rómulo Betancourt.

Vereador de Caracas em 1937, deputado em 41, presidente da Constituinte em 46.

Em 48 seu velho amigo romancista Rómulo Gallegos foi eleito presidente da República, e Eloy Blanco foi seu ministro do Exterior. Estava em Paris, na Assembléia Geral da ONU, quando um golpe militar derrubou Gallegos; exilou-se primeiro em Cuba, depois no México, onde morreu em maio de 1955. Deixou vários livros, e dizia de si mesmo: "mais que político, sou poeta; um poeta emprestado à política em nome da responsabilidade do pensamento".

Eloy Blanco fêz vários poemas que foram musicados. Um deles muito conhecido na América Espanhola, chama-se "Pintame Angelitos Negros", e foi aproveitado para um bolero. Uma negra lamenta a morte de seu filhinho. Vou transcrever alguns versos, todos de sete sílabas:

«Se me murió mi negrito, Dios lo tendría dispuesto; ya lo tendrá colocado como angelito en el cielo... Desengaña-se, comadre, que no hay angelitos negros. Pintor de santos de alcoba, pintor sin tierra en el pecho, que cuando pintas tus santos no te acuerdas de tu pueblo, que cuando pintas tus virgenes pintas angelitos bellos, pero nunca te acordaste, de pintar um ángel negro; pintor nascido em mi tierra, con el pincel extranjero, pintor que sigues el rumbo de tantos pintores viejos aunque la Virgen sea blanca, pintame angelitos negros".

O poema é longo, êste é apenas um pequero trecho. Mas penso que êle basta para que o leitor também lamente a morte há dez anos atrás, de um poeta exilado que se chamava Andres Eloy Blanco.

DN - 6.11.65